

A CRIAÇÃO DO CEA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE NO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA: O LEGADO DE RUTH FIRST¹⁶

Fernando dos Reis Ganhão

Gostaria de agradecer a todos que, com certeza, me irão acompanhar a seguir, mas com a minha espontaneidade e com o auxílio da minha memória, já fraquejante, me permitirão recordar a fundação do CEA e Ruth First e, a colocar naquele papel importante e estratégico que ela desempenhou nesta Universidade. Ela não foi apenas uma investigadora, mas uma intelectual, embora ela não gostasse de o ser. Ruth foi militante das causas da liberdade e uma lutadora *anti-apartheid*. Ela desempenhou um papel relevante, que eu vou tentar resumir e, do qual ela estava consciente, porque várias vezes ambos falámos disso.

Quando cheguei a Moçambique em 1975, acabava de regressar da Polónia, depois de um longo período de “exílio”. Eu vinha muito traumatizado. Cheguei à Polónia depois de ter sido “expulso” de Tanzânia,¹⁷ uma história que penso a maior parte de vocês já conhecem. Na altura, a Polónia vivia um mau momento, difícil a nível da universidade. Em Maio de 1968, a intelectualidade desencadeou em França um movimento que se alastrou por toda a Europa, um movimento de contestação sobre a mediocridade em que as universidades

16. Transcrição editada de um depoimento de Fernando dos Reis Ganhão, primeiro Reitor da Universidade de Lourenço Marques (Universidade Eduardo Mondlane) depois da independência nacional de Moçambique, por ocasião da conferência *Em memória de Ruth First*. Maputo, CEA. 2007.

17. Referindo-se à crise que ocorreu no Instituto Moçambicano em Dar-Es-Salaam, envolvendo questões de ordem rásica, que levou Eduardo Mondlane, por questões de segurança, a enviar Ganhão (e outros quadros) para o exterior, onde continuou os seus estudos.

estavam mergulhadas (...), especialmente na área da investigação. Isto vai também ter um reflexo em outros países europeus. Havia sido desencadeado, como um movimento e... toda a gente esquece a origem do Maio de 1968... este movimento foi desencadeado porque havia uma perseguição de todos os intelectuais polacos, portanto estavam a ser vítimas. Eu cheguei no rescaldo disso. Eu tive a ocasião de verificar, durante o período em que vivi lá, que a investigação, como área das ideologias das Ciências Sociais, era totalmente utilizada pelo poder político. Nesse contexto, eu observava as lutas dos intelectuais. Por um lado, uns tiveram que desistir ou tiveram que se calar. Por outro lado, outros comprometeram-se [com o sistema]. E o desfecho foi um estrangulamento da capacidade de pensar. Quer dizer ... recordo-me muito bem de alguns dos meus professores que falavam com amargura sobre a dificuldade de editar os seus escritos e seus livros, já que havia uma comissão de censura. Assim, eles verificavam a percentagem de citações de Karl Marx, ou o que referiam sobre outros marxistas, etc... Era um exercício muito difícil, quer dizer, falacioso ... que os intelectuais polacos tinham que fazer. E por isso andavam muito amargurados. E, de facto, não conseguiram investigar perfeitamente, e com rigor, a realidade social. Eu tive consciência disso quando estive lá (...).

Mas voltando ao CEA, depois da independência, os futuros docentes moçambicanos e pesquisadores do Centro de Estudos Africanos eram meus estudantes do Departamento de História. Foi nessa altura, [1975] que eu, com um grupo de estudantes meus, que estavam na Faculdade de Letras, no Departamento de História, pensamos em criar um centro que fosse um centro de investigação. Eu digo investigação, no sentido positivo da palavra. Eu achei que quem podia desempenhar melhor esse papel era Aquino de Bragança, a quem eu convidei para fundar esse Centro de Estudos Africanos, o que aconteceu em 1976. E a Ruth First foi também convidada pelo Aquino de Bragança depois de termos discutido este assunto.

Eu conheci Ruth First por volta de meados de 1960, quando eu estava em Dar-Es-Salaam, através da leitura de um livro da sua autoria. Tratava-se dos 117 dias de Ruth First,¹⁸ que me fascinou de facto. E depois, de uma forma esporádica, ouvi falar de Ruth First, mas foi quando regressiei a Moçambique e passei por Tanzânia em 1975, que mais profundamente me apercebi do trabalho dela. Na altura, havia uma visita à Universidade de Dar-Es-Salaam... [Recordo-me] que havia lá um centro, com um departamento de pós-graduação... nesse importante centro de investigação... mas as estruturas dos cursos e dos graus em Tanzânia são diferentes dos nossos. Quer dizer, depois do

18. Referindo-se à obra: *117 Days: An Account of Confinement and Interrogation Under the South African 90-Day Detention Law*, publicado em várias edições.

Bacharelato as pessoas faziam outros cursos e pós-graduações. Na altura, ouvi falar do Centro de Estudos de Desenvolvimento. Era um departamento muito importante e que desempenhava um papel igualmente importante na política da Tanzânia porque tocava precisamente nos aspectos mais candentes das opções que tinham sido feitas pelo Governo, que na altura estava em maré baixa. Refiro-me à opção que tinha sido feita na decisão de Arusha. O processo da Arusha que falava do “Socialismo Africano” que Nyerere tinha desenvolvido naquela altura e que, se encontrava com muitas dificuldades. Foi onde nós nos inspirámos para realizar muitas coisas. Pode se dizer, portanto, que lá encontrei questões da actualidade e grandes investigadores que eram colegas de Ruth First. Ela não estava em Dar-Es-Salaam naquela altura em que lá passei. Mas estavam lá: David Wield, e estava também Marc Wuyts¹⁹, com quem falei muito directamente e pedi uma colaboração.

Olha, eu sabia quando é que ia sair de Dar-Es-Salaam para Moçambique, sabia que era em Outubro de 1975 e já sabia que havia de ser Reitor da Universidade Eduardo Mondlane. Eu viria depois a ser nomeado oficialmente em Dezembro, mas a minha posição já tinha sido decidida, numa conversa que tivera com Samora Machel. Portanto, fiquei aqueles meses de Outubro, Novembro e a maior parte de Dezembro a conhecer a Universidade, a visitar a Universidade e tornei-me docente de História na Faculdade de Letras e, assim fiquei cá. E eu era uma personagem “vinda do frio”. Nessa altura, me recordo, se faziam sessões de esclarecimento. A FRELIMO realizava as sessões de esclarecimento no bairro de Sommerchild, em que estava a alta burguesia, e era necessário realizar o trabalho. Mal eu cheguei aqui em Outubro, uma das coisas que fizeram foi apresentaram-me lá e, no meio “daqueles pretos todos”, aparecia eu, “branco”, como membro da FRELIMO, o que fazia sensação.

Eu chegava depois de largos anos fora e a falar mal português, pois falava só polaco e outras línguas. Mas a certa altura tive que falar, disse qualquer coisa. E quando acabou a sessão, uma senhora veio ter comigo e disse: vê-se que essa não é a sua língua materna, mas fala tão bem português. Onde é que aprendeu a falar português? Foi em Moscovo? Portanto... era um homem “vindo do frio”... portanto... era meio suspeito!!

Eu estava perfeitamente consciente que não havia uma tradição de Ciências Sociais em Moçambique. Na Faculdade de Letras de então, existia um departamento da História. Era o quê? Era mais retrógrado sob ponto de vista de pensamento e além de ser ideologicamente negativo. Então, eu tive que criar uma, quer dizer ... não iria importar da União Soviética, nem de outro país,

19. Ambos vieram a ser docentes da UEM e colaboradores do Centro de Estudos Africanos, durante a gestão científica de Ruth First.

mas estava perfeitamente disposto a fazê-lo. Aqueles negavam a existência de Ciências Sociais que não fosse parte do Materialismo Histórico ou Materialismo Dialéctico. Então, discutindo com várias pessoas, entre as quais Aquino de Bragança, nós achamos que a pessoa ideal para trazer ao Centro de Estudos Africanos seria a Ruth First. Ela, na altura, se encontrava muito amuada ... amuada com o marxismo... amuada com o Partido Comunista Sul-africano, por razões que eram dela própria... e que nós conhecíamos.

Eu pensei que... um espírito tão livre, tão rigoroso no processo de pensamento, tão basicamente consubstanciado no conhecimento concreto da realidade de África Austral, seria a melhor opção para criar os alicerces de uma escola da Ciências Sociais em Moçambique. E eu convidei-a para fazer o primeiro projecto de investigação do Centro de Estudos Africanos que acabávamos de criar: o "Mineiro Moçambicano",²⁰ que era um dos assuntos mais candentes da época. Nessa altura, o acordo referente aos mineiros moçambicanos tinha sido quebrado pela África do Sul. No processo de desenvolvimento de Moçambique, esse acordo que havia sido assinado com a África do Sul garantia a balança comercial do país.²¹ Ruth First aceitou e veio, e trabalhou com jovens moçambicanos, muitos dos quais estão aqui. Muitos deles também participaram na elaboração da versão número 1 de *Estudos Moçambicanos*. Recordo-me neste momento de vários nomes, alguns dos quais estão aqui, mas não vou enumerá-los porque são tantos... e por isso não vou enumerá-los. Se eu enumerar uns, alguns vão dizer que tenho alguns particularismos... eles estão aqui. Digamos que com eles, formámos a primeira escola de Ciências Sociais, a "escola primária" onde aprenderam os fundamentos básicos.

Recordo-me que tinha sessões semanais de trabalho com a Ruth First e com Aquino de Bragança e que eram de uma grande importância, porque Ruth dava a metodologia de investigação científica e introduzia novas formas no processo de ensino-aprendizagem. Nós estávamos habituados aquela concepção de aulas magistrais, éramos agentes passivos do processo de ensino-aprendizagem. Ruth First introduziu uma nova dinâmica, a dinâmica de trabalho, através dos textos de apoio que as pessoas tinham que discutir. Portanto, as aulas de metodologia eram precedidas e continuadas pela leitura de inúmeros textos de apoio. Eram clássicos marxistas, mas não era um marxismo catequista, tal como era representado nas publicações que nos mandavam dos diferentes países, o que, de facto, criou uma adesão extraordinária na juventude sempre generosa, que estava perfeitamente aberta a essa influência positiva de

20. Para mais informações, veja o Prefácio e a Introdução da obra *O Mineiro Moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão-de-obra em Inhambane* (1998) Maputo: CEA e uma reedição (2015), Recife: UFPE.

21. Idem.

que foi objecto. E, *O Mineiro Moçambicano* foi um ensaio, como projecto de investigação. Mas foi menos bem acolhido pela estrutura do poder. Mas os que estavam ao nível do topo tinham que ouvir estas coisas. Quem não gostava de trabalhar também não foi bem visto e foi sobretudo muito mal visto pelas estruturas do partido Frelimo recém-criado. Os míopes são sempre partidistas do que falam. Eram intransigentes, eram intolerantes e, sobretudo intransigentes a novos métodos. Faziam parte dos que apareceram ali como defensores de uma verdade que era indiscutível. Quer dizer, *O Mineiro Moçambicano* não tinha aquela percentagem de Marx ou de Lenine ou de outros marxistas, por isso, não era olhado assim... quer dizer... eram os da Embaixada X ou os da Embaixada Y que falavam comigo ou que pediam para falar comigo... Por fim, viam que, infelizmente essa era a realidade que tinha que ser aceite. E eu sempre defendi, sempre disse às pessoas como Aquino de Bragança: sejam livres, vocês não fazem parte de nenhum processo político! Sejam livres e façam o vosso trabalho de acordo com a vossa capacidade científica e consciência, e sei que são limitantes. Mas eu conheço os vossos pressupostos e estou de acordo com os vossos pressupostos e sei qual é a motivação que vos leva a fazer a investigação e de trabalhar com as Ciências Sociais.

Na altura eu dizia que: “vou vos apoiar e dentro do apoio privilegio a ajuda, sobretudo dentro da Universidade”. E ... muitos deles estão aqui. Daí, o Centro de Estudos Africanos destacava-se. E era muito incómodo precisamente porque se guiava apenas pela liberdade, pela sua consciência e dizia aquilo que muitas vezes era incómodo. E Ruth First não era tão humilde nesse sentido. Era uma mulher muito lutadora e não abdicava daquilo em que ela acreditava. Eu tive uma luta difícil com ela nas sessões de trabalho. Eu estava entre duas espadas, mas tinha consciência do papel que eu próprio desempenhava. Não se tratava de defender o meu tacho, mas tinha uma responsabilidade, e nem sempre era fácil trabalhar com ela. Quer dizer, uma das coisas que eu aceitei, era que o país tinha sempre que lutar... e era necessária a criação de uma equipe de trabalho. Mas nesse processo, acusaram-me sempre e diziam-me: “porque vocês não arranjam quadros de países socialistas, será que é algo proibido? Porque é que vem só esses da África do Sul e da Europa, como da Inglaterra?” Quer dizer, houve discussões mesquinhas. Eu disse à Ruth First: “crie a sua equipe de acordo com as suas possibilidades”. Ela teve sempre essa margem de liberdade porque o Centro de Estudos Africanos foi o primeiro sector da Universidade que eu descentralizei. Ela tinha uma dinâmica, capaz de obter fundos para a investigação científica e eu deixei que fosse ela a gerir esses fundos. Não pus a direcção de finanças da Universidade a gerir esses fundos. Quando ela morreu, foi uma dificuldade porque muito dinheiro do centro estava nas contas dela ... Foram questões difíceis.

Portanto, Ruth First desempenhou um papel importante nesses anos. E eu disse-lhe, muitas vezes, que devia criar fundamentos para uma escola de Ciências Sociais em Moçambique. E o pensamento dela era simples ... Quer dizer, já era profundo: “Ciência para o Desenvolvimento”. E essas palavras ... resumiam então aquilo que era o projecto de Ruth First. Era rigorosa, era intransigente, e muitas vezes a intransigência dela incomodava as pessoas. Eu sempre lhe ofereci apoio, mesmo um mês antes da morte dela. Tínhamos organizado um seminário da UNESCO, que desejava criar um Centro de Ciências Sociais da África Austral. Como ela estudava a problemática da luta contra o *apartheid* e a problemática da África do Sul, eu achei que tendo o Centro de Estudos Africanos aqui, grandes investigadores moçambicanos e de outras nacionalidades, a Universidade Eduardo Mondlane seria o local ideal para alojar esse centro. Tinha ali muitas vantagens. Então, organizei, junto com a UNESCO, esse seminário, que foi em Agosto de 1982, com pessoas de outras universidades.

Só que, quem veio da parte da UNESCO para dirigir o seminário foi a senhora Marion O’Callaghan. E donde vinha essa senhora? Vinha lá das Antilhas e tinha outras ideias sobre qual deveria ser o papel das Ciências Sociais, que eram diferentes das ideias da Ruth First. Por isso, pegaram-se as duas em briga ali assim, naquele seminário. Depois também outros tomaram partido e eu sei que no final daquilo, foi um fracasso e eu fiquei muito zangado com ela. Depois a Ruth apareceu lá na minha casa de moto próprio e disse: “Bem ... lamento, sei que com essa nossa *performance*, nós não ganhamos, quer dizer, com a nossa concepção ... mas perdemos; mas nós vamos fazer deste centro um rival à altura daquilo que vier a ser criado, onde quer que seja”. E foi a última vez que eu falei com a Ruth First porque no dia seguinte ela foi morta, assassinada brutalmente. Eu soube que aquela carta²² tinha sido enviada pela polícia do *apartheid*.

Ruth First é para nós uma referência até hoje. Por isso, estou muito satisfeito que esta homenagem seja feita [em sua memória] e que os jovens cientistas sociais presentes em Moçambique se reportem a ela como ponto de partida.

Hoje em dia, esta liberalização em que nós vivemos leva-nos também à liberalização de sentimentos e do pensamento, no sentido negativo da palavra. Eu penso que o marxismo, como filosofia, continua a ser uma via única que possibilita entender o mundo. O marxismo como prática política foi um fracasso.

22. Carta bomba que vitimou Ruth First no seu escritório, no Centro de Estudos Africanos, em Agosto de 1982.

A realidade é essa. Não é por isso que nós devemos tirar os livros de Marx das nossas bibliotecas como eu já algumas vezes tive ocasião de ver, aqui na Universidade Eduardo Mondlane. Para já, não aparecem nas bibliografias que são dadas aos estudantes, nem aqui, nem em nenhuma outra Universidade, inclusive na minha.²³ Posso dizer mais. Ruth First tinha essa capacidade e foi uma pessoa que naqueles anos setenta, nos meados dos anos setenta, quando a intelectualidade estava em crise, quando a intelectualidade marxista estava em crise... tinha havido uma crise na Hungria em 1956, depois na Checoslováquia em 1968, o que criou grandes clivagens e descrença de muitos intelectuais, sobre a possibilidade de concretização do marxismo na sua versão marxista-leninista. Mas, Ruth First continuava a usar os instrumentos intelectuais do marxismo, mas tinha consciência que a prática de aplicação em nome do marxismo tinha sido um fracasso, sobretudo nas Ciências Sociais. Trazia grandes dificuldades aos investigadores e, ela tinha consciência disso. Nós tínhamos consciência disso. Foi nesses limites que nós trabalhamos e ela criou uma grande geração de intelectuais e de investigadores que hoje são o suporte da investigação social em Moçambique. É a glória dela e penso que devemos estar muito reconhecidos por isso. Eu, particularmente, tinha uma grande admiração por ela e tinha uma aproximação a ela, praticamente ao longo dos anos.

Como já disse, eu tinha todas as semanas um encontro de trabalho com ela. Quer dizer, discutíamos mais vezes. Algumas vezes estávamos de acordo e outras vezes não chegávamos a um consenso. Portanto, recordo-me com muita saudade dela, e é isso que eu queria dizer, muito obrigado!

23. Referindo-se à Universidade Técnica de Moçambique (UDM) onde era reitor, na altura.